



Eixo Temático

EDUCAÇÃO NO CAMPO E MOVIMENTOS SOCIAIS

Título

O MST E SUA PROPOSTA POLÍTICA PEDAGÓGICA: RESISTÊNCIA E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Autor(es)

CECÍLIA DE CAMPOS FRANÇA
JAIR PEREIRA DA CRUZ

Instituição

UNEMAT – UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO

E-mail

cecilfran@yahoo.com.br

jairpereira_25@hotmail.com

Palavras-chave

MST; Ideologia Política; Projeto Político Pedagógico

Resumo

Esse artigo teve como objetivo expor os dois projetos de sociedade que estão no cenário político brasileiro. O primeiro que detém hegemonia no congresso nacional é regido pela lógica do capital que busca afinar os interesses de transnacionais as ações políticas objetivas no Brasil. O segundo projeto é o que embasa as ações do MST. Para esse movimento social a lógica que deve embasar as ações políticas e sociais do país tem que ter compromisso com sua população, com os interesses do Estado do bem estar social. É simultaneamente político e pedagógico, pois a educação está imersa na vida e a política deve garantir justiça social e soberania popular.

www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015



O MST E SUA PROPOSTA POLÍTICA PEDAGÓGICA: RESISTÊNCIA E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Cecília de Campos França¹
Jair Pereira da Cruz²

Resumo: Esse artigo teve como objetivo expor os dois projetos de sociedade que estão no cenário político brasileiro. O primeiro que detém hegemonia no congresso nacional é regido pela lógica do capital que busca afinar os interesses de transnacionais as ações políticas objetivas no Brasil. O segundo projeto é o que embasa as ações do MST. Para esse movimento social a lógica que deve embasar as ações políticas e sociais do país tem que ter compromisso com sua população, com os interesses do Estado do bem estar social. É simultaneamente político e pedagógico, pois a educação está imersa na vida e a política deve garantir justiça social e soberania popular.

Palavras Chave: MST; Ideologia Política; Projeto Político Pedagógico

... A injustiça no caso é flagrante e escandalosa. Mesmo que se aceitem todas as teses sobre o desvirtuamento do movimento dos sem-terra e se acate a demonização dos seus líderes, militantes e simpatizantes, a dimensão do movimento é uma evidência literalmente gritante do tamanho da iniquidade fundiária no Brasil, que ou é uma ficção que milhares de pessoas resolveram adotar só para fazer barulho, ou é uma vergonha nacional. A iniquidade que criou essa multidão de deserdados no país com a maior extensão de terras aráveis do mundo é a mesma que expulsou outra multidão para as ruas e favelas das grandes cidades, deixando o campo despovoado para o latifúndio e o agronegócio predatório. A demora de uma reforma agrária para valer, tão prometida e tão adiada, só agrava a exclusão e aumenta a revolta. ...

Fragmento da crônica *Injustiça e Desordem*, de Luis Fernando Veríssimo.

Iniciamos com a epígrafe de Veríssimo porque essa expõe os efeitos perversos da lógica do capital. Essa crônica foi publicada no Jornal O GLOBO em 03 de julho de 2008 em resposta a um relatório redigido por promotores gaúchos pedindo a criminalização do MST. Veríssimo (2008, a) de forma muito hábil cita a questão proposta por Goethe logo após a Revolução Francesa em que esse diz preferir a injustiça

¹ Graduada em Psicologia e Pedagogia, mestrado, doutorado em Educação na PUC/SP e pós doutorado em educação pela UNICAMP. Profa. efetiva da UNEMAT *campus de Tangará da Serra* – MT.

² Graduado em Pedagogia, mestrando no PPGEdu Unemat Cáceres em educação. Membro do MST e morador do Assentamento Antonio Conselheiro. Prof. na Escola Estadual Paulo Freire.



à desordem. O filósofo alemão, assim como, muitos de nós na contemporaneidade, não precisaria ter colocado essa escolha. Veríssimo (2008,b, p.1) argumenta que [...] *A criminalização do movimento dos sem terra seria a outra face da descriminalização pela absolvição e o esquecimento, de atos como o massacre de Carajás.* Os sem terras ocuparam a BR 155 que liga Belém do Pará ao sul do estado em 1996 reivindicando a desapropriação de terras da fazenda Macaxeira. Por ordem do governador do estado na época a polícia militar foi encarregada de retirá-los do local para desobstruir a rodovia. A ordem dada pelo então secretário de segurança do estado previa qualquer ação para retirada dos sem terra inclusive atirar. Essa ação ficou conhecida como o massacre de Carajás pela brutalidade, violência e barbárie da ação autorizada pelas autoridades. Certamente, essa ação denuncia um estado assassino de trabalhadores, que com os instrumentos que dispõem de luta, quando não aceitam a ordem posta passam a ser vítimas de ações criminosas lideradas pelos agentes do estado. Esse silêncio midiático em fatos como esse, a inoperância do judiciário para investigar ações como essa e a impunidade dos responsáveis, dos políticos formam uma teia tão densa de corrupção que nos sinaliza que uma via profícua de rompimento dessa seria por uma organização de coletivos que possam resistir e manter o combate continuamente.

A reforma agrária pode contribuir para a superação da imoral e bárbara desigualdade social presente há muito tempo no Brasil e perpetuada por todos os governos (MST, 2010).

Lembra a todos, o escritor brasileiro Veríssimo, que é possível pensar em ordem ideal advinda da justiça, mas para isso é necessário transformar o país em outro Brasil, quem sabe até com outra humanidade.

Muito tem sido escrito sobre a lógica capitalista, mas para que possamos evidenciar os dois projetos contrários de sociedade que circulam no Brasil é necessário que façamos alguns apontamentos sobre essas duas lógicas: capitalista e do MST.

A partir dos anos 70 do século XX há uma reordenação social promovida pelas classes dominantes imersas na lógica do capital como forma de responder à crise econômica e social que se impunha. Dentro desse modelo produtivo o que se pretendia era desenvolver estratégias que pudessem facilitar o maior ganho possível, diminuir despesas com trabalhadores assalariados e, para que isso funcionasse era preciso cortar



gastos sociais e desregulamentar direitos trabalhistas conseguidos com muita luta (PELLANDA, 2001 In: MACLAREN, 2001).

Há que se colocar em relevo que desde sempre o Brasil como país colonizado teve suas terras, sua gente, sua natureza e bens naturais brutalmente violados, depauperados e as relações que aqui se estabeleceram desde a chegada dos europeus foram de crueldade, de barbárie sem limites. Estudar a história do Brasil nos põe diante da catastrófica e dilacerante realidade. Por outro lado, deveríamos comemorar a resistência e luta constante que aqui se fez contra essa “ordem” que se impôs, mas sempre encontrando obstáculos e luta por parte de nossa gente.

O MST surge como mais uma evidência da capacidade de organização e de luta por parte dos trabalhadores do campo. Seu início se dá justamente pelo recrudescimento da lógica excludente do capital que se impõe como estratégia para manter sua hegemonia.

Estamos aqui com dois modelos contrários de sociedade. O latifúndio e o agronegócio que se apropriam indevidamente de terras, cultivam a monocultura, utilizam-se de venenos poluidores e que matam trabalhadores e consumidores por envenenamento ou por desenvolver doenças letais como o câncer. Lançam mão de ações criminosas como a grilagem para expandir seus negócios, pois contam com apoio de vários setores sociais como parlamentares, setores do judiciário e mídia configurando um panorama político e social de corrupção, trabalho escravo, empobrecimento crescente da população, depredação ambiental atendendo assim a ganância das empresas transnacionais e da classe dominante local. Trabalham com sementes transgênicas e incentivam o uso de agrotóxicos nas plantações. Além disso, provocam o êxodo rural criando um cenário deprimente nas cidades, pois essa população que migrou do campo para a cidade encontra-se em condições precárias de existência. Nessa lógica as relações estabelecidas são de exploração, autoritárias, competitivas em que uns valem mais que outros e as riquezas ficam nas mãos de poucos enquanto a população carece de serviços básicos para viver.

Por outro lado, temos o MST que propõe um modelo contrário de sociedade. Reivindicam a reforma agrária para que haja uma distribuição equitativa de terras, justiça social e soberania popular. O modelo produtivo segue a configuração da



agroecologia e da agrofloresta com cultivo de diferentes espécies e alimentando o controle biológico por meio do tratamento adequado da terra, com material orgânico e que não polui a terra, o ar e nem o solo. Cultivam a semente crioula para que possamos conquistar a soberania alimentar e se emancipar do controle intencional das sementes por parte das transnacionais. As relações que se cultivam são de solidariedade entre as pessoas, cuidado com a natureza e ação de preservação ambiental por reconhecimento de que nossa existência depende de um meio ambiente preservado e saudável.

Para esse modelo de sociedade pedagógica e revolucionária a dimensão epistemológica é constitutiva de sujeitos, de conhecimento e de uma sociedade mais justa. O movimento em questão realiza o conceito de revolucionário na concepção de MacLaren (2001) quando desenvolve a solidariedade entre as pessoas fazendo dessa categoria de luta, de conhecimento e de emancipação. Revolucionário tem o significado de combate contínuo porque como movimento organizado *são parte da realidade social na qual as relações sociais ainda não estão cristalizadas em estruturas, onde a ação é a portadora imediata da tessitura relacional da sociedade e do seu sentido* (MELUCCI, 1994, p.190 In: GOHN, 2007, p.12). O MST ao questionar estas estruturas que se querem firmar propõe simultaneamente novas formas de organização à sociedade política, social e econômica.

Diante do exposto, o que vemos é que o projeto de sociedade pensado e sonhado pelo MST promove a vida em todas as suas dimensões. O agronegócio e o latifúndio provoca a morte e a miserabilização da maioria das pessoas e dos trabalhadores. Ora, a reforma agrária como estratégia de um desenvolvimento prevê a qualidade de vida das pessoas, saúde, educação, habitação, acesso a bens culturais e tem na história algumas referências de sucesso. No Japão foi realizada uma reforma agrária radical que proporcionou sua recuperação depois da Segunda Guerra Mundial. Os Estados Unidos da América, no século XIX promoveu o maior programa de distribuição de terra já divulgado na história.

Importante salientar que além do MST existem outros movimentos organizados em prol da reforma agrária no Brasil como: MTL – Movimento Terra, Trabalho e Liberdade, CONTAG – Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura, CPT



– Comissão Pastoral da Terra e muitos outros. No entanto, o MST é o que se destaca em termos de integrantes e visibilidade nacional e internacional.

No Brasil há vários assentamentos que produzem e contribuem com a economia local, regional e nacional³. O sucesso da reforma agrária não se dá somente no aspecto quantitativo, ou seja, no número de famílias assentadas, mas, é imprescindível associar aos primeiros os aspectos referentes à qualidade de vida dos assentados e à expansão de uma agricultura de qualidade. Muito ainda há que ser feito pela reforma agrária no Brasil e é urgente uma maior conscientização da população no que diz respeito ao que representa em termos de qualidade de vida e justiça social essa reivindicação. Esperamos que esse trabalho possa cumprir de alguma forma esse papel de elucidação e divulgação quanto aos dois projetos de sociedade discutidos acima.

Como sabemos o processo educacional é fundamental para garantir o sucesso de construção e manutenção da sociedade que se quer. Tendo isso em vista, o MST desenvolveu uma pedagogia que possa dar conta de formar seus integrantes para continuar a luta por uma vida de qualidade e uma sociedade justa. Bem como de vivenciar, conhecer e reconhecer tantos outros saberes de populações tradicionais que são desvalorizados na lógica do capital adjetivados como atrasados e místicos. Assim a seguir apresentaremos algumas balizas que possam caracterizar a educação que é valorizada e posta em ação no MST.

É importante destacar que a resistência que o MST faz a algum tempo na sociedade brasileira diz respeito à rejeição de pressupostos e balizas do capital como ordenador da sociedade, da economia e da política. Além disso, traz em sua resistência outros modos de se relacionar com a natureza, com o espaço, com a produção

³ Para citar um exemplo, dentre tantos, recomendamos a leitura do trabalho de Neto (et. al. 2010) intitulado *A População local e a percepção dos impactos dos assentamentos rurais*. Disponível em:

<http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/70235/1/jafn.pdf>

Há também o artigo de Monte e Pereira (2009) intitulado *Um Estudo Regional dos determinantes de geração de renda e construção da cidadania nos Projetos de assentamentos*. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-20032009000400010&script=sci_arttext

O Assentamento Antonio Conselheiro, considerado um dos maiores assentamentos do Brasil, localiza-se entre as cidades de Tangará da Serra e Barra do Bugres e é mais um exemplo de contribuição produtiva na economia da região. Recomenda-se a leitura do artigo intitulado *Tipificação de Unidade de Produção no Assentamento Antonio Conselheiro, Barra do Bugres – MT*. Disponível em:

http://www.diadecampo.com.br/arquivos/materias/{92B7BCA4-1202-40E8-A151-79E12F4A969F}_2541.pdf



mobilizando novas relações políticas, criando tensão que possa mobilizar para o diálogo, para o atendimento das necessidades sociais urgentes como as de alimentação, habitação, saúde, educação emancipadora e politizada capaz de constituir sujeitos partícipes de todas as instâncias sociais. As relações de tensão quando motivadas por um projeto de sociedade solidária tem por objetivo transformar a ordem das coisas. E é no exercício político e pedagógico do movimento que as pessoas lá engajadas se transformam a cada dia e se municiam de conhecimentos imprescindíveis para continuar a sua luta, que na verdade, é a luta de toda a sociedade brasileira.

PEDAGOGIA DO MOVIMENTO SEM TERRA

Os princípios da educação no Movimento Sem Terra (MST) são os marcos da construção de sua pedagogia, que amplia o sentido de fazer educação e busca na contramão do sistema educacional brasileiro estabelecer novas relações de construção de conhecimento para o sistema educativo atual, a ideia a partir de agora, é tentar compreender a essência da Pedagogia do Movimento Sem Terra.

Educação para o MST é o processo de formação humana do sujeito, que está inserido numa sociedade para transformá-la e por ela ser transformado, por esta razão educação deve estar sempre ligada a uma concepção de mundo e também a um projeto político. Educação não está relacionada somente à escola, esta é apenas um dos instrumentos de se fazer educação.

Nesta perspectiva, o MST encara como processo educativo todo o procedimento social que envolve o sujeito. Enquanto movimento de luta de classe, sua ideologia busca transformar esta sociedade de desigualdades numa sociedade mais justa e igualitária. Portanto, a luta do MST pela reforma agrária inclui também a construção de uma outra sociedade . Para que se compreenda a dimensão da Pedagogia do Movimento Sem Terra, recorreremos às ideias de Caldart, (2004,pp.221-222):

[...] não é possível compreender o sentido da experiência da educação no e do MST, se o foco do nosso olhar permanecer fixo na escola. Somente quando passamos a olhar para o conjunto do movimento, e com a preocupação de enxergá-lo em sua dinâmica histórica (que inclui a escola), é que conseguimos compreender que *educação pode ser mais que educação*, e que



escola pode ser mais do que escola, à medida que sejam considerados os vínculos que constituem sua existência nessa realidade.

A escola enquanto espaço de formação não é descartada, porém esse espaço não é o único, pois o conjunto de princípios ideológicos e as ações do movimento se compreendem como espaços educativos. A função da escola não pode estar fixada na formação profissional, mas deve compreender a formação para vida, para a cidadania. Nesta direção, a construção do conhecimento se dá nas relações estabelecidas no processo de luta que tem por objetivo resultar na construção de uma nova sociedade.

Portanto, esta educação desenvolve uma consciência de luta de classe revolucionária e constrói um saber social, assim, o vínculo como os movimentos sociais é inevitável para garantir sua sustentabilidade, com isso a escola está em movimento, edificando a dialética do saber que se constitui no desenvolvimento de um processo de mudança e ou de transformação. Em relação ao vínculo da educação do campo com os movimentos sociais, Caldart, (2004,p.31) afirma que:

O vínculo da Educação do Campo com os movimentos sociais aponta, além disso, para algumas dimensões da formação humana que não podem ser esquecidas em seu projeto político pedagógico: pensar que precisamos ajudar a educar não apenas trabalhadores do campo, mas também lutadores sociais, militantes de causas coletivas e cultivadores de utopias sociais libertárias.

A escola, vinculada aos movimentos sociais, na visão do MST, deve formar pessoas para a luta de classe que se trava contra a sociedade capitalista cristalizada, que apresenta diversas contradições sociais, porém se mantém estática, devido ao estado de inércia e desorganização das pessoas. Diante da situação a qual se vive hoje, na sociedade capitalista, um projeto político como o que o MST propõe, não terá resultados positivos sem as lutas de classes dos trabalhadores/(as), portanto na escola não basta apenas dizer que vivemos num mundo injusto é preciso sensibilizar as pessoas que é possível construir um mundo melhor através da luta, e sensibilizá-las a lutar.

Neste sentido, educar para a ação é preparar pessoas para transformar a realidade, contexto que evidencia que a educação que o MST desenvolve vai além da consciência crítica, pois formam pessoas para participarem ativamente da transformação social, construindo consciência do mundo que possibilite uma



organização popular e assim, uma intervenção concreta na realidade. Tudo isso quer dizer que se faz necessário construir novas relações sociais através da educação, que passa pela aquisição de novos valores sociais.

A Pedagogia do Movimento Sem Terra é fundamentada na teoria de Paulo Freire que apresentou ao mundo a necessidade de contrapor ao que ele chamou de educação bancária e propôs uma educação equitativa, reflexiva, cooperativa, vinculada a necessidade de libertação das pessoas. Esse movimento de libertação dos oprimidos é complexo, doloroso, mas necessário para a formação do ser humano novo (2005, p.38):

A libertação, por isto é um parto. É um parto doloroso. O homem que nasce deste parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressores – oprimidos, que é a libertação de todos.

A libertação da contradição é o parto que traz ao mundo este homem novo não mais opressor; não mais oprimido, mas homem libertando-se.

A Pedagogia de Paulo Freire, assim como a Pedagogia do MST, reportam-se, a uma sociedade que ainda não existe, porém é um convite para sua construção. A liberdade que todo mundo busca, não é uma liberdade cerceada pela opressão da burguesia, mas uma liberdade comprometida com a solidariedade e a justiça; que emancipe todas as pessoas para que tenham uma vida digna. Temos que lembrar, que este é um processo que se constrói com lutas, embates, conflitos e com uma educação popular que se preocupa com a valorização da pessoa humana. Reverter o contexto da opressão não é uma tarefa do acaso, mas sim dos seres humanos que solidários exerçam seu direito político de reivindicar, protestar e se organizar para conquistarem a liberdade almejada.

É por esta razão que o capital investe na desintegração do indivíduo, pois o mesmo tem ciência que a desarticulação do povo, os enfraquece na luta contra o poder institucionalizado e pelo mesmo motivo não garante educação de qualidade, assim estariam dando munição para que se lute contra eles, no entanto, seus objetivos são de manter o povo anestesiado, mesmo diante de tantas desigualdades sociais.



Educar é construir conhecimentos para ação do homem, frente ao mundo. Não se pode deixar que apenas uma classe social construa a história que é vivida por todos. É preciso dizer não a dominação, a escravidão, a opressão. E é com uma educação dialógica, dialética, solidária e cooperativa que o projeto capitalista pode fracassar diante de suas contradições.

Dalmagro, (2011, p. 47) destaca três aspectos dos objetivos do MST, com a escola: “ a) a formação para novas formas de trabalho; b) para o conhecimento elaborado e a ciência; e c) a formação de militantes”. A questão do trabalho precisa ser encarada de forma diferente na sociedade, para que este seja de fato uma ação que dignifica e educa. Por isso, o mesmo deve servir a proposta de organização dos estudantes e não apenas ao cumprimento de tarefas. Trabalho não pode estar separado da educação, porém precisa ter cuidado nessa proposta, pois o trabalho que o MST propõe enquanto processo metodológico da escola do campo é o mesmo defendido por Pistrak, (2005,p.50):

[...] O trabalho é um elemento integrante da relação da escola com a realidade atual, e neste nível a fusão completa entre ensino e educação. Não se trata de estabelecer uma relação mecânica entre o trabalho e a ciência, mas de torná-los duas partes orgânicas da vida escolar, isto é, da vida social das crianças.

Com isso, o trabalho passa a fazer parte do processo educativo de forma que enquanto metodologia de ensino se crie uma relação estreita entre trabalho e ciência, levando a comunidade escolar a perceber a importância dessa relação no processo de ensino aprendizagem. Quando se educa para vida as relações entre ser humano e sociedade estão intimamente interligadas e o trabalho, como uma atividade da origem humana, não pode ser uma relação mecânica, sem prazer e alienante. Assim há um valor relativo dos diferentes aspectos do trabalho que nos permite compreender as finalidades sociais deste na escola.

Diante da relação escola e trabalho podemos observar contradições entre a proposta da escola Rural⁴ e a escola do campo. Enquanto a primeira tem uma relação

⁴ Escola pensada pela burguesia e destinada aos sujeitos do campo.



alienada do trabalho na escola, a segunda vê o trabalho como uma metodologia de ensino, com a qual interage organicamente com a ciência. Para compreendermos o antagonismo detalhado, vejamos o discurso de Ribeiro (2013, p. 197):

[...] Currículo, objetivos e metodologias da escola rural estão direcionados para o sistema produtor de mercadorias, no qual o próprio ser humano é uma mercadoria que pode ser descartável e flexível em tempos de desemprego estrutural e tecnológico. Para a escola básica do campo a memória das lutas e das experiências produtivas constitui-se na base curricular, em que se articulam: a produção da vida, dos alimentos, da sociedade e da ciência. Em contraposição ao conhecimento científico que expulsa e subordina os agricultores, a proposta dos movimentos sociais populares rurais/ do campo pensa a produção de conhecimentos a partir das experiências dos agricultores, articulando tais experiências com o conhecimento científico e tecnológico socialmente produzido.

Na educação do campo o trabalho não é mercadoria, é uma atividade socialmente vital que produz conhecimento como resultado de uma experiência, assim, torna-se ciência e construção de saberes. Esta conotação da escola do campo que se diferencia da concepção de escola rural não se antagoniza por acaso, pois ambas concepções têm finalidades distintas, porque estão a serviço de classes diferentes. Não se pode esperar que a classe dominante oferecesse aos trabalhadores educação para libertação. Mas qual é a finalidade da escola rural e da escola do campo? Quem responde é a própria Ribeiro (2013, p.. 196):

[...] A finalidade da escola rural está comprometida com a lógica da produtividade, daí porque, mesmo não estando expressas em seu objetivos, metodologias e currículos, a expropriação da terra do agricultor familiar está implícita na sua natureza e na sua concepção em que o mundo urbano impõe-se sobre o mundo rural e o subordina. A finalidade de uma escola do campo é a formação do trabalhador e da trabalhadora rurais com competência para enfrentar os desafios da produção e da vida contemporânea. Esse aprendizado articula-se com o trabalho cooperativo e com uma produção em harmonia com os seres humanos e a terra, tendo como meta a constituição de relações sociais democráticas e solidárias.

Percebe-se através das ideias da autora que a escola rural e a classe que a pensou enquanto modelo educativo estão preocupados apenas com os lucros, é somente isso que o trabalho representa para eles. Quando pensam assim, reduzem o ser humano a nada, pois estes são apenas peças responsáveis pela mão – de – obra de um trabalho explorador. Quando assim o fazem, também comprometem a qualidade da educação que



deixa de levar em consideração valores humanos necessários para a construção do saber, e assim, predomina o ensino técnico que treina as pessoas para reproduzir a lógica do capital. Já a educação do campo está preocupada com a formação integral das pessoas e o viver bem será resultado das relações de trabalho, mas respeitando as pessoas e a natureza, harmonizando essas relações.

Podemos concluir que a Pedagogia do Movimento Sem Terra tem uma relação íntima com a vida, sendo este conceito de sua base. Assim tudo que está relacionado ao respeito à vida para construção do conhecimento, faz parte desta pedagogia. Também podemos destacar na dialética da educação do campo o trabalho, as lutas sociais, os princípios da cidadania, a valorização do ser humano, o diálogo, a libertação, as classes e as massas, etc. Tudo isso, é o tempero para a construção de uma nova sociedade que propõe um mundo mais justo e uma sociedade equitativa. Utopia ou realidade?

Nesta perspectiva, segundo a educação do campo, para que a utopia se transforme em realidade, depende da luta, da organização e da educação que permeia as escolas do país. E ainda para que esses anseios se tornem realidade, precisamos formar militantes que advoguem por esta causa, por isso, a educação do campo com sua ideologia dentro da pedagogia do movimento sem terra, se apresenta de fundamental importância enquanto processo educativo e de construção da nova sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que temos são dois projetos distintos de sociedade e que têm premissas contrárias. A ordem capitalista prevê muitos trabalhando para o enriquecimento de poucos, relações de submetimento, exploração e opressão. Valoriza o mérito a todo custo sem considerar as desigualdades sociais e econômicas que se criam e se sedimentam ao longo dos tempos. O individualismo, a competição, o “sucesso” almejado na vida só pode se configurar quando há o “fracasso” de alguém, por conta de um emprego, de um concurso, do vestibular e outras situações. As relações entre as pessoas se deterioram e causam muito sofrimento, brutalizam-se e atingem estados de uma truculência e barbárie inimagináveis. Os direitos das pessoas oprimidas são invisibilizados e os poderes legislativo, executivo e judiciário trabalham de mãos dadas com a mídia para normalizar e garantir essa ordem. O meio ambiente aqui é tratado



como recurso que está disponível e deve ser usado em prol da produção e do consumo. A saúde pública frequentemente é sacrificada em benefício do poder econômico e dos interesses que regulam e orientam as ações dos poderes deliberativos. Enquanto a maioria das pessoas entende essas como situações “naturais” da sociedade, porque não as problematizam e, as valorizam como símbolos de “competência”, porém há pessoas que se politizam em meio a injustiça, a desigualdade e a corrupção e se reconhecem pessoas de direitos, sujeitos ativos da história.

Empoderado pela consciência de classe, pelo entendimento das contradições sociais e sabendo de sua importância para o movimento da vida e a construção de riqueza para o país, o MST tem conseguido resistir à ordem hegemônica do capital e, simultaneamente, trabalhado para desvelar outra possibilidade de estruturação social. As premissas que advém dessa sociedade proposta pelo MST têm como valores basilares a cooperação entre as pessoas, as alianças e a solidariedade. A bandeira pela qual lutam elege a vida como categoria maior que merece aglutinar todo e qualquer esforço, pois essa é um bem que devemos cuidar. Em relação ao meio ambiente, esse deve ser tratado como um dos nossos bens mais valiosos, pois é ele que nos garante a subsistência e a qualidade de grande parte de nossas vidas. A outra parte da qualidade se constrói cuidando das relações entre as pessoas e considerando vários tipos de conhecimento como válidos e enriquecedores da existência.

A lógica proposta pelo MST é sem dúvida restauradora de valores importantes e fundamentais para que a vida possa prosperar. Como sua luta atingiu uma extensão significativa em muitas partes do mundo, passa a ser vista pela ordem capitalista como uma ameaça real a ordem imposta que busca desmobilizar as pessoas para a luta e para a participação política, enfraquecendo-as de todos os modos. Já o MST luta pela justiça social e soberania popular, pelo controle da semente criola, pela lógica da agrofloresta, agroecologia, agricultura familiar e para a reforma agrária que poderá garantir uma produção mais saudável e abundante de comida para a população local, regional e global.

Justamente por se opor aos interesses dos grupos que detém o poder deliberativo, de execução das leis e da mídia o movimento é criminalizado ostensivamente e convive com a discriminação social, pois não raro é ouvirmos que o movimento compõe-se de



pessoas violentas, baderneiras, desempregadas do campo que são causadoras de instabilidade política. O que a sociedade precisa saber é que se há violência essa precede o movimento e, serve de mobilização de muitos para que unidos possam enfrentar uma ordem social que não os considera e os invisibiliza quando não os denigre e os torna “criminosos” perante a população desinformada, alienada e sem esperança em uma vida de qualidade e uma sociedade justa. As conquistas, ainda que pequenas, ao enfrentarem o agronegócio são ocultadas da população em flagrante manipulação ideológica para enfraquecer o movimento. No entanto, para a felicidade de muitos de nós, o movimento cresce e se organiza ampliando espaços de ação e conquistando mais pessoas para lutarem por uma causa que não é só deles, mas de toda a sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALDART, Roseli Salete. **Contribuições para a construção de um projeto de Educação do Campo**. In: JESUS, Sonia Meire Santos Azevedo de. MOLINA, Mônica Castagna (orgs). **Por Uma Educação do Campo: Contribuições para a Construção de um Projeto de Educação do Campo**. Brasília DF: Articulação Nacional Por Uma Educação do Campo, nº 5, 2004.

_____, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. São Paulo, 2004.

DALMAGRO, Sandra Luciana. **A escola no contexto da luta do MST**. In: MACHADO, Ilma Ferreira. VENDRAMINI, Celia Regina. (Org.). **Escola e movimento social: experiência em curso no campo brasileiro**. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011. 216p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 45ª ed. São Paulo: Paz e Terra S/A, 2005.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos Movimentos Sociais: paradigmas clássicos e Contemporâneos**. 6ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

MACLAREN, Peter. **A Pedagogia da Utopia**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001.

PAIM, Robson Olivino; DALL'IGNA, Sirlene Fagundes. **A importância da Reforma Agrária: Diagnóstico do Assentamento Congonhas - Abelardo Luz - sc/brasil na Perspectiva do Desenvolvimento Socioeconômico**. Disponível em: <http://www.uff.br/vsinga/trabalhos/Trabalhos%20Completo/Robson%20Paim.pdf>



PISTRAK, M. **Fundamentos da escola do trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

RIBEIRO, Marlene. **Movimento camponês, trabalho e educação: liberdade, autonomia, emancipação: princípios/fins da formação humana**. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. *Injustiça e Desordem*. Crônica (Fragmento). Jornal O GLOBO, 03 de julho 2008 (a). Comentário feito ao relatório redigido por promotores gaúchos que pedem a ilegalidade do MST.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. *Para Valer*. Crônica. O Jornal O Globo, 24 de julho de 2008 (b).

III Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas sobre Educação no Campo
V Jornada de Educação Especial no Campo
XIII Jornada do HISTEDBR
Educação no Campo: História, desafios e perspectivas atuais



www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015

III Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas sobre Educação no Campo
V Jornada de Educação Especial no Campo
XIII Jornada do HISTEDBR
Educação no Campo: História, desafios e perspectivas atuais



www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015